

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

NUGENT, Stephen. 1993. *Amazonian Caboclo Society: An Essay on Invisibility and Peasant Economy*. Estados Unidos, Editora Berg, 298p. (Serie Explorations in Anthropology).

Hilton Pereira da Silva¹

A Amazônia sempre foi foco de intenso interesse e debate acadêmico e político tanto a nível nacional como internacional. Entretanto, a maior parte do material sobre as sociedades humanas da região concentra-se sobre os grupos indígenas. O livro de Nugent é um dos poucos sobre os grupos caboclos. Os caboclos compõem a grande maioria dos habitantes rurais e peri-urbanos da Amazônia brasileira, e, em muitas áreas, têm servido como uma barreira de proteção entre os grupos indígenas e a sociedade nacional. No entanto, pouco se conhece a respeito de sua estrutura social, e seus mecanismos de adaptação ao meio ambiente Amazônico. *Amazonian Caboclo Society* oferece uma visão geral de vários aspectos da vida desses ribeirinhos, usando como exemplo famílias que viviam em Santarém entre 1975 e 1990.

O autor inicia o livro, reiterando a necessidade de mais estudos sobre os grupos caboclos e sobre a Amazônia em geral. Eu concordo com Nugent quando ele chama os caboclos de um “grupo invisível.” Por causa de sua falta de identidade oficial enquanto um grupo, eles têm sido sistematicamente excluídos de qualquer processo decisório sobre

¹ UFRJ/Museu Nacional. Departamento de Antropologia. Quinta da Boa Vista, s/n. Cep. 20940-040. Rio de Janeiro - RJ.

o desenvolvimento da Amazônia, mesmo que, freqüentemente, sejam os que mais têm a perder com tais decisões.

Amazonian Caboclo Society é dividido em duas partes: “Caboclos out of History” (Caboclos saindo da História), e “Caboclos in History” (Caboclos na História). A primeira parte contém três capítulos, e é quase inteiramente uma extensa revisão da literatura sobre as populações rurais e as políticas de desenvolvimento da Amazônia. A segunda parte do livro contém cinco capítulos, nela o autor apresenta a etnografia propriamente dita, e seus achados e interpretações.

O primeiro capítulo apresenta o livro, e faz uma revisão histórica das diferentes formas como a Amazônia tem sido vista com o passar dos séculos, desde um “inferno verde” até um paraíso romântico e exótico; de uma nova fronteira a ser povoada até o foco mais recente da necessidade de “desenvolvimento sustentado.” Esta apresentação é seguida por uma discussão sobre os habitantes da Amazônia e particularmente sobre os caboclos que, através da história, têm sido vistos como algo que não é nem Índio e nem parte da sociedade nacional, sendo, portanto, invisíveis, e assim como os Índios, são simplesmente ignorados nos esquemas desenvolvimentistas regionais. Ao final, Nugent explica a necessidade e o significado do seu trabalho etnográfico, e qual a sua interpretação de progresso.

O próximo capítulo discute a questão de por que o estudo de sociedades caboclas tem sido tão esquecido entre as pesquisas sobre a Amazônia. Ele mostra que, mesmo nas discussões sobre alternativas contra as práticas destruidoras do meio ambiente, os caboclos são ignorados, apesar de sua longa tradição de vida na região em relativa harmonia com a floresta. Tem sido importante para os projetos de desenvolvimento econômico excluir os grupos humanos amazônicos dos processos decisórios, exatamente pela visão diferenciada que estes têm sobre o significado de desenvolvimento. Alguns exemplos de como

os interesses locais conflitam com os interesses do “desenvolvimento” podem ser vistos nos movimentos locais contra a construção da Hidroelétrica de Xingó, e na criação recente da Reserva Extrativa Chico Mendes, e outras no Acre. Nugent mostra ainda, como os interesses econômicos, que vêm na Amazônia uma fonte de lucros a ser explorada, podem ser travestidos como interesses ecológicos. Neste capítulo, o autor também define o termo caboclo como um arquétipo amazônico com muitas conotações, desde uma categoria racial, até uma categoria geográfica denotando as pessoas que vivem ao longo dos rios da região.

No capítulo três, Nugent discute as diferenças entre os novos camponeses (imigrantes) que vieram para Santarém, e os caboclos tradicionais já adaptados ao ecossistema local. O autor também discute aspectos geológicos, e faz uma revisão da literatura sobre a pobreza dos solos amazônicos e as suas causas ecológicas e ambientais. Neste capítulo ele demonstra que as implicações ecológicas dos projetos de desenvolvimento só são vistas depois que os danos ambientais já são irreversíveis. A rodovia Transamazônica é o maior exemplo deste fato. Este capítulo revisa extensivamente a literatura sobre as políticas desenvolvimentistas para a Amazônia através de várias décadas, e o papel que os EUA têm desempenhado em tais políticas, entre elas o “milagre econômico” dos anos sessenta, que, assim como a Transamazônica, resultou apenas no aumento do endividamento externo do Brasil, e na deterioração dos padrões de vida das populações locais.

Na segunda parte de *Amazonian Caboclo Society*, que se inicia no capítulo quatro, Nugent analisa o papel que os antropólogos têm desempenhado na criação de políticas de desenvolvimento. Ele vê estes profissionais como representantes fiéis da dominação e do capital, apesar de reconhecer que eles também têm contribuído para ampliar os conhecimentos sobre as interações entre os grupos humanos e o meio ambiente amazônico. Em seguida o autor descreve Santarém, em largas

pinceladas, e fala um pouco da história da cidade. Finalmente, ele inicia a etnografia propriamente dita, fazendo uma descrição dos santarenos, e das características demográficas de sua área de estudos. Neste capítulo Nugent tenta qualificar os santarenos pelos seus aspectos de “pobreza amazônica.” Tal qualificação me parece ser, no mínimo, uma simplificação de uma cidade com mais de 350 mil habitantes e uma economia bastante diversificada. Em seguida o autor descreve a economia, as características sociais, o processo de crescimento e o desenvolvimento do mercado regional de Santarém no período de suas pesquisas. A parte final do capítulo mostra como as mudanças econômicas em Santarém têm sido lentas, e têm beneficiado apenas alguns setores da população.

O quinto capítulo explora a “identidade” santarena, as relações de parentesco, os grupos domésticos e a organização social das famílias estudadas. Nugent chama a atenção para o fato de que a Transamazônica e outros projetos similares desconsideraram as diferenças entre os vários grupos campestres amazônicos. Por diferenças ele define os aspectos sociais e culturais, além das características ambientais em que cada grupo subsiste. Ele trata Santarém como uma vila, e não menciona o fato desta ser uma das maiores cidades da região amazônica. Apesar disto, ele infere, corretamente, que a família é a unidade estrutural de parentesco em Santarém, e passa, em seguida, a falar das categorias de parentesco, fazendo algumas generalizações sobre a forma dos santarenos interpretarem relacionamentos familiares. Ao final, Nugent define os grupos de parentesco e como eles funcionam na sociedade santarena. Este capítulo é um dos mais densos do livro, e a leitura muitas vezes se torna cansativa, sendo consideravelmente dificultada pelo fato das figuras com as árvores genealógicas das famílias estarem mal posicionadas no texto, além de terem legendas pouco explicativas. Apesar disto, as conclusões do capítulo sobre como as pressões por terra, a falta de

políticas agrárias, os incentivos aos grandes latifúndios, e o conseqüente desflorestamento têm tido profundos impactos entre as populações campestres, e que os efeitos residuais de tais mudanças podem ser vistos nas cidades, para onde convergem as famílias deslocadas do interior.

No sexto capítulo Nugent diferencia entre o que ele chama de Complexo Caboclo, Complexo Nordestino e Complexo Japonês. Esta diferença se baseia nas estratégias de subsistência adotadas por cada um dos grupos. No Complexo Caboclo todos os ecossistemas são utilizados, sendo esta uma das características fundamentais do processo de adaptação deste grupo. O autor destaca as possíveis aplicações dos sistemas caboclos de uso dos recursos naturais como modelos para as reservas extrativas. O Complexo Nordestino utiliza apenas o ecossistema da terra firme, enquanto o Complexo Japonês se baseia na plantação de hortaliças nos quintais, para a venda nos mercados locais. Após comparar os complexos o autor conclui que o Complexo Caboclo é um dos mais eficientes, e mais do que uma estratégia adaptativa, é também o fruto de desenvolvimentos históricos ligados a penetração do capital na Amazônia .

O penúltimo capítulo descreve como a economia amazônica tem sido percebida internacionalmente ao longo da história do Brasil. Neste capítulo Nugent mostra que, apesar de não ser necessariamente capitalista, a economia cabocla não é patológica ou estagnante como tem sido usualmente caracterizada, ao contrário, ela é um sistema transicional, orientado para o mercado, mas que não mantém necessariamente as mesmas relações capitalistas de produção. Este é um capítulo mais teórico, onde o autor analisa os tipos de envolvimento da economia rural santarena no sistema capitalista. O capítulo é o mais técnico e onde Nugent pode apresentar todo o seu conhecimento de economia, e particularmente, da história econômica do Brasil. O entendimento deste

capítulo requer algum conhecimento da literatura econômica clássica. No entanto, o capítulo é o verdadeiro centro do livro, nele o autor oferece uma discussão interessante sobre os sistemas pré-capitalista e capitalista, e sua inserção na Amazônia, além de situar o modo de produção caboclo como sendo uma forma intermediária entre os dois. Este capítulo pode ser um pouco difícil de acompanhar por pessoas sem embasamento em teoria econômica.

No capítulo final de *Amazonian Caboclo Society*, Nugent discute em profundidade a idéia de desenvolvimento sustentado na Amazônia e outras áreas. Ele avalia, ainda, como nos discursos capitalistas a região tem sido sempre um espaço de dominação e exploração, no qual os seres humanos são intrusos e têm papel secundário. O autor discute como os programas de desenvolvimento para a Amazônia consideram a área homogênea e são desenhados para manter o "status quo" e não para promover mudanças. Nugent sugere que a recente elevação da Amazônia a uma preocupação global, enquanto completamente ignorando os amazônidas, é apenas mais um esquema para servir aqueles mesmos grupos de interesse que criaram a crise ambiental em primeiro lugar. Este capítulo é o mais político do livro, e ao seu final o autor traça considerações sobre o futuro do desenvolvimento sustentado no Brasil, as controvérsias sobre a aplicabilidade prática deste conceito, e defende a necessidade de que se considere os sistemas sociais e as especificidades ambientais locais, em qualquer discussão visando a promover o desenvolvimento sustentado da Amazônia.

Amazonian Caboclo Society: An Essay on Invisibility and Peasant Economy, é um livro bem escrito, cujo conteúdo deverá ser de grande interesse para estudantes e pesquisadores interessados no campesinato amazônico. Como proposto na introdução, a parte mais forte do livro é a discussão econômica, sendo a parte etnográfica desenvolvida em estilo clássico e com relativa superficialidade. Os pontos altos

do livro são as avaliações de como, quando e porquê as forças econômicas e os mercados internacionais influenciam os destinos da Amazônia e seus habitantes, quase de forma independente ao que acontece com o resto da economia do Brasil, e as críticas ao conceito de desenvolvimento sustentado. O livro poderia usar mais figuras e gráficos para tornar a leitura mais dinâmica, mas é, sem dúvida, um volume que merece atenção por parte dos amazonianistas. É uma pena que não esteja disponível em português.